

Fichamento 7 - Capítulo 7 - Fernanda de Andrade

Referência: BENTO, M. A. S. Branquitude - o lado oculto do discurso sobre o negro. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (orgs.). **Psicologia Social do Racismo:** Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 1.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

- Artigo tem abordagem psicossocial para trazer a experiência do Ceert (Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades) na formação de pessoas sobre relações raciais em diferentes instituições. (p.147)
- É um tema silenciado no Brasil que requer muito cuidado na abordagem em grupos mistos de negros e brancos, porque:
 - As pessoas que se inscrevem se consideram progressistas e engajadas em problemas sociais e não esperam encontrar na discussão sobre racismo algo em que estão diretamente envolvidas;
 - Estão desejosas de admitir que são brancas e beneficiárias do racismo;
 - Por outro lado, a pessoa negra não assume prontamente sua condição de discriminado, associado ao insucesso, incompetência e inferioridade;
 - O tema pode provocar reações intensas: dor, raiva, sentimentos de impotência, culpa e agressividade
 - Por conta dos sentimentos, surgem argumentos para desqualificar o debate, descredibilizando os dados estatísticos, relativizando o problema e culpabilizando os negros (p.148)
- O educador precisa ter leitura acurada das reações, pois a negação do preconceito e da discriminação como resultado do não enfrentamento de uma realidade, porque não se veem como protagonistas do racismo ou porque tem interesses não confessáveis e ainda, reconhecer o racismo é ter que realizar mudanças e o mérito pode ser pela condição do privilégio. (p.148)
- Comum a isenção dos brancos para culpabilização dos negros, o debate muitas vezes só é aceito se o foco for o negro. Se for o branco é considerado alienação que desconsidera questões macro.
- Experiência do CEERT na formação sobre relações raciais em diferentes instituições, desde 1990, com uma média de 20 vezes ao ano, num curso de 16 horas. Curso de formação política, mobilizador de forças de emancipação e libertação. Uma organização preocupada com pesquisa e formação voltadas para o aspecto político das relações raciais. (p. 150)

- O artigo traz reflexão sobre curso de formação no movimento sindical, buscado primeiro pelos dirigentes depois por núcleos/comissões de negros e mulheres. A inscrição e a infraestrutura corre por conta do sindicato. (p. 150)
- Antes do início do curso, os participantes respondem um questionário com identificação pessoal, e questões relativas a discriminação vividas no trabalho e na vida cotidiana do movimento sindical. Na análise de 400 questionários até 1995 75% era masculina com idade média de 33 anos. A partir de 2000, com um programa só para mulheres. Maioria é de negros com 77%, destes 55% com ensino médio completo (mobilidade geracional, pois os pais tem no máximo 4 séries do ensino fundamental). 78% pertencem ao sindicato e 41% são da direção. Maioria já integrou o quadro de entidades do movimento negro. (p. 150)
- A metodologia do curso é baseada na proposta de Paulo Freire e educação popular: consciência crítica, relação dialógica, relação de troca entre educador-educando, reflexão da vivência individual como ponto de partida no processo de aprendizagem. (p. 150)
- Realização de diálogos/debates, exposição rápida com informação, imagens de livros, vídeos, trechos de depoimentos de brancos e negros sobre relações raciais, palestras, leituras, exercícios simulados que visam explorar o impacto subjetivo do racismo no opressor e no oprimido. Ajuda a compreender causas políticas, econômicas e sociais do racismo com ênfase na realidade subjetiva que garante a sustentação e perpetuação do racismo. (p. 151)
- O conteúdo provém de textos produzidos com base em Adorno e Fanon focalizando o substrato psicológico do racismo, a função que o racismo tem na economia psíquica do sujeito racista como fortalecimento da sua autoestima à medida que se coloca como superior diante de um grupo, ou que encontra um bode expiatório para suas próprias culpas e mazelas. Atenção à formação da identidade racial, principalmente da identidade branca, enquanto processo ideológico, por meio de oficinas das vivências dos participantes e reflexão de textos que favorecem essa discussão. A identidade racial parte de uma visão de mundo em que gera um legado de onus e bonus diferente para brancos e para negros. (p. 154).
- A questão ideológica da identidade racial está no sentimento coletivo de uma percepção de compartilhamento de uma herança racial comum. Na nossa sociedade o pertencimento a um grupo racial é enfatizado e o processo de desenvolvimento de um sujeito se desdobra de diferentes maneiras para brancos e para negros.

O curso de formação leva as pessoas à um contato profundo com sua condição, seja branco ou negro, obrando o indivíduo a voltar seu olhar para seu passado e refletir sobre seu presente nas relações raciais. A autora destaca que é comum o surgimento dos sentimentos de raiva, culpa, impotência e agressividade. Aqui, as interlocutoras, com boa leitura do que está acontecendo, fazem intervenções para garantir a continuidade da participação das pessoas. (p. 155)

- É importante levar em conta que o racismo produz consequências negativas para todos. Ao adquirem uma maior compreensão do processo, as pessoas passam a ser responsáveis em identificar e barrar o ciclo de opressão e alterar seu comportamento. No curso de formação se trabalha com exemplos para enfatizar que a mudança individual ou institucional é possível e deve ser vista como um processo que dura a vida toda. (p. 156)
- As fontes de resistência que surgem no processo do curso se dão pela crença no mito da democracia racial, a principal a ser superada. Os brancos negam qualquer preconceito racial, facilmente identificando a carencia do negro, mas não o privilégio do branco. Pensar numa sociedade desracializada, permite que os negros atribuem as opressões que sofrem a outros fatores e não ao racismo. (p. 157)
- Diante de questionamento que são feitos durante a formação, a autora relata no texto que é frequente os sentimentos de confusão, ansiedade e/ou medo. É recorrente uma memória dolorosa por parte dos negros devido aos apelidos ou outras interações com os brancos de maneira negativas. Os negros possuem memórias dolorosas resultado de apelidos e de relações negativas com outras pessoas. Outra questão importante a superar é a crença na meritocracia, ou seja, o esforço individual como único fator de enfrentamento das dificuldades, desconsiderando vários determinantes sociais que afetam os grupos minoritários, como o racismo por exemplo, o sistema sustentáculo do sistema de privilégio dos brancos. (p.157)
- O curso trata de evidenciar como os brancos se beneficiam desse sistema e o impacto desta conscientização gera resistência. Negação direta ou desvio do assunto é uma alternativa criada para não encarar a problemática, então alguns participantes evitam o curso e participam das atividades, até mesmo abandonando-o para evitar os sentimentos provenientes da conscientização, como raiva ou culpa. (p. 158)

- No sentido de reduzir a resistência ao curso, a autora destaca quatro estratégias: criar um ambiente seguro para que os participantes possam superar o medo, quebrar o silêncio, reduzir ansiedade, estabelecimento de regras de confiança, respeito mútuo e evitar ironias. Uma segunda estratégia é o poder de produção do próprio conhecimento, pois é mais difícil negar o que seus próprios olhos veem. O terceiro é o conhecimento do problema com inclusão de artigos de construção de identidade racial e por último fortalecer o poder dos participantes como agentes de mudança a partir de possibilidades de ações antirracistas. (p. 159)
- O curso do Ceert proporcionou, por meio de programa de formação, acompanhou o crescimento da luta antirracista dentro do movimento sindical. Apesar da resistência que ainda ocorre por parte de algumas lideranças, identifica-se que os brancos são potenciais aliados dos negros em atividades da instituição, como assembleias, por exemplo, onde negros podem estar isolados. A autora destaca a importância que nestes locais, não só os brancos devem palestrar, mas também os negros. Essa dinâmica reflete um compromisso de ruptura com o abandono do racismo, servindo de modelo para outros brancos como forma de entenderem a branquitude. (p.160)